

Patrick Rothfuss

O TEMOR
DO SÁBIO

*A Crônica do Matador do Rei:
Segundo Dia*



Para meus pacientes fãs, por lerem o blog e me dizerem que o
que realmente querem é um livro excelente, mesmo
que demore um pouquinho mais.

Para meus brilhantes leitores beta, por sua ajuda inestimável e
sua tolerância com minha paranoia em relação ao sigilo.

Para minha fabulosa agente, por manter os lobos afastados
da porta, em mais de um sentido.

Para meu sábio editor, por me conceder o tempo e o espaço
para escrever um livro que me enche de orgulho.

Para minha amorosa família, por me apoiar e me lembrar
que sair de casa de vez em quando faz bem.

Para minha compreensiva namorada, por não ter me
abandonado quando a tensão das revisões intermináveis
me deixou espumando e monstruoso.

Para meu meigo filhinho, por amar o papai, apesar de
eu estar sempre tendo que me afastar para escrever,
mesmo quando estamos nos divertindo muito ou
quando estamos conversando sobre patos.

Os Quatro Cantos
Da Civilização

CEALD

Ralien

A REPÚBLICA

Anifen

A
Universidade

Imre

Tarbean

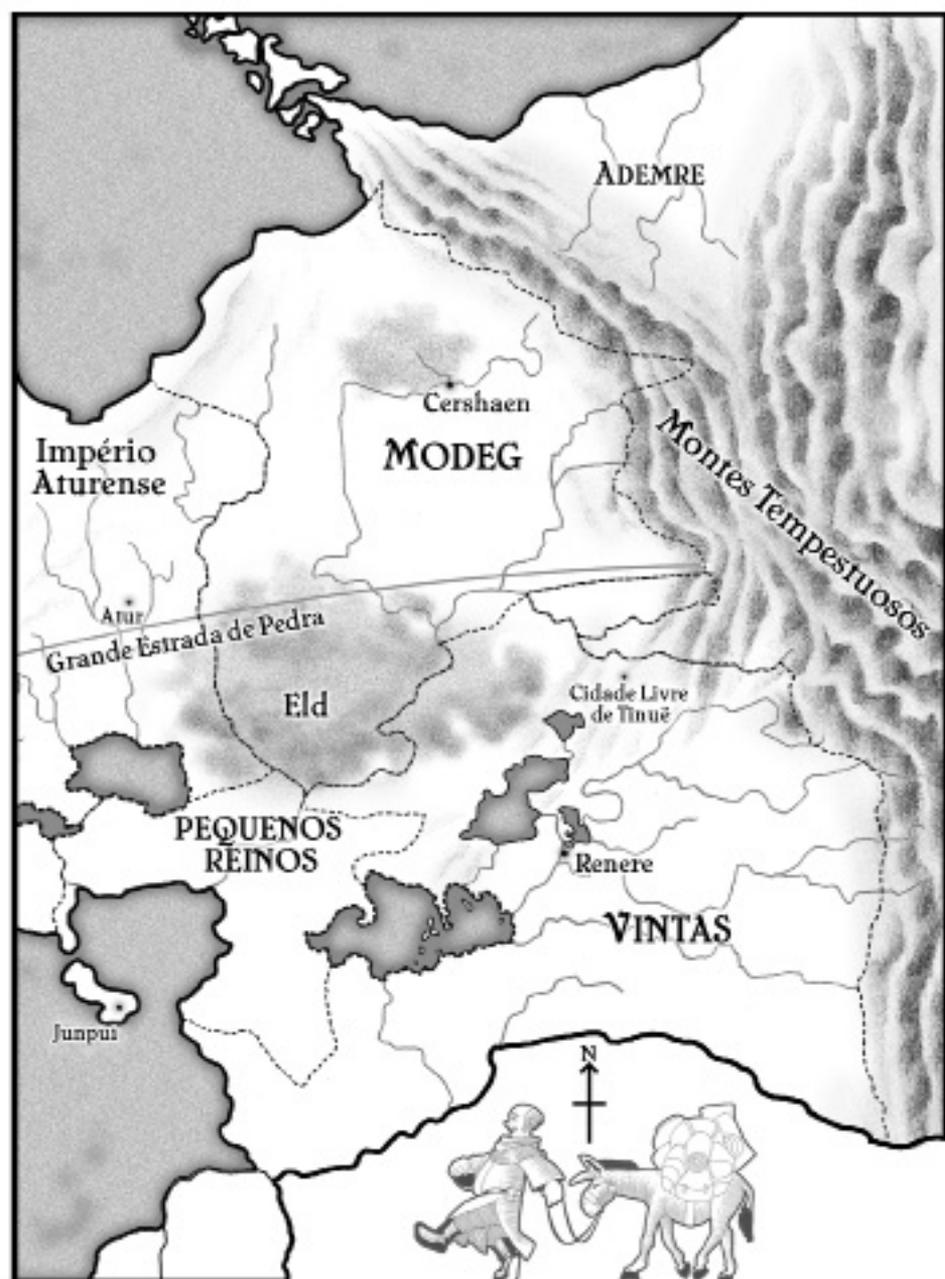
Hallowfell

Arrecifes

YLL

Mar de
Centhe





Um silêncio de três partes

CHEGAVA O ALVORECER. A Pousada Marco do Percurso estava em silêncio, e era um silêncio em três partes.

A parte mais óbvia era uma vasta quietude, repleta de ecos, feita das coisas que faltavam. Se houvesse uma tempestade, gotas de chuva haveriam de bater e tamborilar nas silas trepadeiras atrás da hospedaria. O trovão ribombaria e roncaria e perseguiria o silêncio estrada afora, como folhas caídas de outono. Se houvesse viajantes remexendo-se em seus quartos, eles se espreguiçariam e enxotariam o silêncio com seus roncões, como sonhos esgarçados e semiesquecidos. Se houvesse música... mas não, é claro que não havia música. Na verdade, não havia nenhuma dessas coisas e por isso o silêncio persistia.

Dentro da hospedaria, um homem de cabelos negros fechou suavemente a porta dos fundos ao entrar. Movendo-se pela completa escuridão, atravessou pé ante pé a cozinha e o salão do bar e desceu a escada do porão. Com a desenvoltura da longa experiência, evitou as tábuas soltas que pudessem ranger ou suspirar sob seu peso. Cada passo lento fez apenas o mais leve ruído no piso. Com isso, ele acrescentou seu silenciosinho furtivo àquele outro maior e ecoante. Os dois formaram uma espécie de amálgama, um contraponto.

O terceiro silêncio não era fácil de notar. Se você escutasse por tempo suficiente, talvez começasse a senti-lo na friagem da vidraça e nas lisas paredes de estuque do quarto do hospedeiro. Estava no baú escuro aos pés de uma cama dura e estreita. E estava nas mãos do homem ali deitado, imóvel, que esperava atentamente pelo primeiro pálido indício da luz do alvorecer.

O homem tinha cabelos de um ruivo verdadeiro, vermelhos como a chama. Seus olhos eram escuros e distantes e ele estava deitado com o ar resignado de quem há muito abandonou qualquer esperança de sono.

Dele era a Pousada Marco do Percurso, como dele era também o terceiro silêncio. Era apropriado que assim fosse, pois esse era o maior silêncio dos três, englobando os outros dentro de si. Era profundo e amplo, como o fim do outono. Pesado como um pedregulho alisado pelo rio. Era o som paciente – som de flor colhida – do homem que espera a morte.

Maçãs e bagas de sabugueiro

BAST APOIOU-SE COM DESLEIXO na longa extensão do balcão de mogno do bar, entediado.

Correndo os olhos pelo salão vazio, deu um suspiro e saiu revirando as coisas, até achar um pedaço de pano limpo. Então, com ar resignado, começou a polir um pedaço do balcão.

Após um momento, inclinou-se para a frente e estreitou os olhos para um pontinho que mal podia ser visto. Esfregou-o e franziu o cenho ante a mancha oleosa formada por seu dedo. Chegou mais perto, enfumacou o balcão com seu bafo e poliu com vigor. Depois, fez uma pausa, exalou com força na madeira e escreveu uma palavra obscena no embaçado.

Deixando de lado o pano, caminhou por entre as mesas e cadeiras vazias até os janelões da pousada. Parou ali por um longo momento, contemplando a estrada de terra que atravessava o centro da cidade.

Deu outro suspiro e começou a andar de um lado para outro. Movia-se com a graça displicente de um bailarino e a desenvoltura perfeita de um gato. Mas, quando passou as mãos pelo cabelo preto, o gesto foi inquieto. Seus olhos azuis vagaram incessantemente pelo salão, como se buscassem uma saída. Como se buscassem algo que ele já não tivesse visto uma centena de vezes.

Mas não havia nada de novo. Mesas e cadeiras vazias. Banquetas desocupadas no bar. Dois enormes barris avultavam atrás do balcão, um de uísque, um de cerveja. Entre eles se erguia uma vasta coleção de garrafas: todas as cores e formas. Acima delas pendia uma espada.

Os olhos de Bast tornaram a pousar nas garrafas. Concentraram-se nelas por um longo momento meditativo e então ele passou para trás do balcão e pegou um pesado caneco de barro.

Respirou fundo, apontou um dedo para a primeira garrafa da prateleira de baixo e se pôs a cantarolar, enquanto contava a fileira:

Bordo. Festa de maio.

Olhar de soslaio.

Brasa e fogueira.

Sabugueiro.

Terminou a cantiga apontando para uma garrafa verde e atarracada. Tirou a rolha, provou um golinho especulativo, fez uma careta e estremeceu. Repôs depressa a

garrafa no lugar e pegou outra, vermelha e arredondada. Dessa também tirou uma prova, esfregou os lábios úmidos um no outro, pensativo, assentiu com a cabeça e verteu uma dose generosa no caneco.

Apontou para a garrafa seguinte e recomeçou a contar:

Calor de mulher nua.

Noite de lua.

Salgueiro. Janela.

Luz de vela.

Dessa vez foi uma garrafa transparente, que continha uma bebida amarelo-pálida. Bast arrancou a rolha e acrescentou uma dose longa ao caneco, sem se dar o trabalho de provar antes. Pondo a garrafa de lado, levantou o caneco e o girou dramaticamente, antes de beber uma golada. Abriu um sorriso brilhante, deu um peteleco na nova garrafa, fazendo-a tilintar baixinho, e recomeçou sua cantilena ritmada.

Barril. Cevada.

Pedra e bastão.

Vento e aguada...

Uma tábuia do piso rangeu e Bast levantou os olhos, com um sorriso luminoso:

– Bom dia, Reshi.

O hospedeiro ruivo postava-se na base da escada. Correu as mãos de dedos longos pelo avental limpo e pelas mangas compridas que usava.

– Nosso hóspede já acordou?

Bast balançou a cabeça.

– Nem um farfalhar ou um pio.

– Ele passou por dois dias difíceis – disse Kote. – É provável que esteja começando a sentir o efeito.

Ele hesitou por um instante, depois levantou a cabeça e aspirou o ar.

– Você andou bebendo? – perguntou o hospedeiro, de modo mais curioso que acusatório.

– Não – respondeu Bast.

Kote ergueu uma sobrancelha.

– Eu estava *provando* – defendeu-se Bast, enfatizando a palavra. – Provar vem antes de beber.

– Ah – exclamou o hospedeiro. – Então quer dizer que você estava se preparando para beber?

– Pelos deuses minúsculos, sim. E com grande exagero. Que diabo há mais para se fazer?

Bast pegou o caneco embaixo do bar e olhou para seu conteúdo.

– Eu estava torcendo por bagas de sabugueiro, mas achei uma espécie de melão. – Girou o caneco com ar especulativo. – E mais alguma coisa picante. – Tomou outro gole e estreitou os olhos pensativamente. – Canela? – perguntou, olhando para as fileiras de garrafas. – Será que ao menos nos sobrou algum vinho de sabugueiro?

– Está por aí em algum lugar – respondeu o hospedeiro, sem se dar o trabalho de olhar para as garrafas. – Pare um instante e escute, Bast. Precisamos conversar sobre o que você fez ontem à noite.

Bast ficou muito quieto.

– O que eu fiz, Reshi?

– Você deteve aquela criatura dos Mael.

– Ah. – Bast relaxou, fazendo um gesto de descaso. – Só fiz com que ele fosse mais devagar, Reshi. Só isso.

Kote balançou a cabeça.

– Você percebeu que não era apenas um louco. Tentou nos avisar. Se não fosse a agilidade dos seus pés...

Bast franziu o cenho.

– Não fui tão rápido assim, Reshi. Ele pegou o Shep. – Baixou os olhos para as tábuas bem polidas do piso junto ao bar. – Eu gostava do Shep.

– Todas as outras pessoas vão pensar que o aprendiz de ferreiro nos salvou – disse Kote. – E talvez seja melhor assim. Mas eu sei a verdade. Se não fosse por você, ele teria trucidado todos os que estavam aqui.

– Ah, Reshi, isso não é verdade mesmo. Você o teria matado como se ele fosse uma galinha. Eu só o peguei primeiro.

O hospedeiro deu de ombros, descartando o comentário.

– A noite de ontem me fez pensar – disse. – Refleti sobre o que poderíamos fazer para tornar as coisas um pouco mais seguras por aqui. Você já ouviu “A caçada dos cavaleiros brancos”?

Bast sorriu.

– Era nossa canção antes de ser sua, Reshi.

Respirou fundo e cantou, numa voz suave de tenor:

Branco eram seus cavalos, como a neve.

Espada de prata e arco de chifre leve.

Na frente, ramos frescos e flexíveis,

Vermelhos e verdes, imperecíveis.

O hospedeiro assentiu com a cabeça.

– São exatamente os versos em que eu estava pensando. Você acha que pode cuidar disso, enquanto eu preparo as coisas por aqui?

Bast balançou a cabeça com entusiasmo e praticamente disparou, detendo-se junto à porta da cozinha.

– Você não vai começar sem mim, vai? – perguntou, ansioso.

– Começaremos assim que nosso hóspede estiver alimentado e pronto – disse Kote. Depois, ao ver a expressão no rosto do aluno, abrandou-se um pouco. – Mesmo assim, imagino que você tenha uma ou duas horas.

Bast deu uma espiada pela porta e tornou a virar-se para dentro.

Uma expressão divertida luziu por um instante no rosto do hospedeiro.

– Eu o chamarei antes de começarmos – disse. Fez um gesto de enxotar com uma das mãos. – Agora, vá andando.



O homem que se dava o nome de Kote cumpriu sua rotina de praxe na Pousada Marco do Percurso. Movia-se com a precisão de um relógio, qual carroça rodando pela estrada sobre sulcos conhecidos.

Primeiro foi o pão. Misturou com as mãos a farinha, o açúcar e o sal, sem se incomodar em medir os ingredientes. Acrescentou um punhado de levedura do pote de barro que ficava na despensa, trabalhou a massa, moldou os pães e os deixou descansar. Tirou com a pá as cinzas do fogão da cozinha e atijou a brasa.

Depois, foi ao salão e acendeu o fogo na lareira de pedra negra, varrendo as cinzas de sua enorme soleira, ao longo da parede norte. Bombeou água, lavou as mãos e trouxe do porão um pedaço de carneiro. Cortou gravetos, carregou lenha para dentro, sovou a massa do pão que estava crescendo e o aproximou mais do fogão já aquecido.

De repente, não restava mais nada a fazer. Estava tudo pronto. Tudo limpo e arrumado. O homem da cabeleira vermelha postou-se atrás do balcão, seus olhos voltando lentamente de um lugar distante e se concentrando no aqui e agora, na hospedaria em si.

Então, pousaram na espada pendurada na parede acima das garrafas. Não era uma espada particularmente bonita, não tinha adornos floreados nem chamava atenção. De certo modo, era ameaçadora, do mesmo modo como é ameaçador um rochedo alto e escarpado. Era cinzenta, imaculada e fria. Afiada como estilhaços de vidro. Na madeira negra de seu suporte, uma única palavra havia sido gravada: *Insensatez*.

O hospedeiro ouviu passos pesados na escadinha de madeira do lado de fora. O trinco da porta chacoalhou ruidosamente, seguido por um *olááá* alto e uma batida.

– Só um minuto! – gritou Kote.

Correu à porta de entrada e girou a chave pesada na fechadura de latão reluzente.

Lá estava Graham, com sua mãozorra pronta para bater na porta. Seu rosto curtido pelo tempo abriu-se num sorriso ao ver o hospedeiro.

– Foi Bast que abriu a casa de novo pra você, hoje de manhã? – perguntou.

Kote deu um sorriso tolerante.

– Ele é um bom garoto – disse Graham. – Só é meio agitadinho. Pensei que você fosse fechar a casa hoje – comentou. Pigarreou e baixou os olhos para os pés por um instante. – Eu não ficaria surpreso, considerando...

Kote pôs a chave no bolso:

– Aberto, como sempre. Em que posso servi-lo?

Graham afastou-se da porta e fez sinal com a cabeça para a rua, onde havia três barris numa carroça próxima. Eram novos, de madeira polida clara e aros de metal brilhante.

– Eu sabia que não ia conseguir dormir ontem à noite, por isso terminei de montar os últimos pra você. Além disso, eu soube que hoje os Benton iam dar uma passada por aqui com as primeiras maçãs do fim da estação.

– Eu lhe agradeço.

– Bem vedadinhos, pra elas se conservarem o inverno inteiro – disse Graham. Aproximou-se da carroça e bateu orgulhosamente com o nó dos dedos na chapa lateral de um barril. – Nada como uma maçã de inverno pra dar uma chapada na fome. – Levantou o rosto com um brilho no olhar e tornou a bater na lateral do barril. – Chapada, entendeu?

Kote resmungou qualquer coisa, esfregando o rosto.

Graham deu um risinho consigo mesmo e deslizou a mão por um dos aros de metal brilhante do barril:

– Eu nunca tinha feito um barril com latão, mas esses saíram tão bons quanto eu podia esperar. Você me avise se não ficarem vedados e cuidarei deles.

– Que bom que não lhe deu muito trabalho – disse o hospedeiro. – O porão fica úmido. Tive medo de que o ferro simplesmente enferrujasse em dois anos.

Graham meneou a cabeça:

– É muito sensato. Não tem muita gente que pense nas coisas a longo prazo – disse, esfregando as mãos uma na outra. – Quer me dar uma mãozinha? Eu detestaria deixar um deles cair e arranhar o seu piso.

Os dois puseram mãos à obra. Dois dos barris com aros de latão foram para o porão, enquanto o terceiro foi manobrado para trás do bar e levado pela cozinha até a despensa.

Depois disso, os homens voltaram para o salão, cada qual no seu lado do balcão. Houve um momento de silêncio enquanto Graham olhava para a taberna deserta. No bar, havia duas banquetas a menos do que deveria e um espaço vazio deixado por uma mesa ausente. No salão arrumado, essas coisas eram conspícuas como a falta de um dente.

Graham tirou os olhos de um pedaço de piso bem esfregado perto do bar. Meteu a mão no bolso e tirou um par de gusas, quase sem tremor na mão.

– Traga aí meia cerveja, sim, Kote? – pediu, com a voz rouca. – Sei que é cedo, mas tenho um dia longo pela frente. Vou ajudar os Murrion a colherem o trigo.

O hospedeiro serviu a bebida e a entregou em silêncio. Graham tomou metade num único e demorado gole. Tinha os cantos dos olhos vermelhos.

– Foi feia a coisa ontem – comentou, sem fazer contato visual, e bebeu mais um pouco.

Kote assentiu com a cabeça. *Foi feia a coisa ontem*. Era provável que isso fosse tudo o que Graham teria a dizer sobre a morte de um homem que ele havia conhecido durante a vida inteira. Esse povo entendia tudo de morte. Matava seus próprios rebanhos. Morria de febres, tombos ou ossos quebrados que não calcificavam. A morte era como uma vizinha incômoda. Não se falava dela, por medo de que ela ouvisse e resolvesse fazer uma visita.

Exceto pelas histórias, é claro. Com as histórias de reis envenenados e duelos e antigas guerras, tudo bem. Elas vestiam a morte de roupas estrangeiras e a despachavam para longe de casa. Já um incêndio na chaminé ou um crupe, isso era apavorante. Mas o julgamento de Gibeia ou o cerco de Enfast, aí era diferente. Era como orações, como as rezas resmungadas tarde da noite, quando se andava sozinho no escuro. As histórias eram como amuletos de meio-vintém que o sujeito comprava de um mascate, só por garantia.

– Quanto tempo aquele tal de escriba vai ficar por aqui? – perguntou Graham depois de um momento, com a voz ecoando no caneco. – Talvez eu deva deixar uma coisinha escrita, por via das dúvidas – disse. Franziu de leve o cenho. – Meu pai sempre chamava isso de papéis de sepultamento. Não consigo lembrar como é mesmo o nome deles.

– Se só houver necessidade de cuidar dos seus bens, é uma alienação de propriedade – disse o hospedeiro, com ar displicente. – Se tiver relação com outras coisas, chama-se mandado de declaração de vontade.

Graham o fitou, arqueando uma sobrancelha.

– Pelo menos, foi o que ouvi dizer – acrescentou o hospedeiro, baixando a cabeça e polindo o balcão com um pano branco limpo. – O escriba mencionou alguma coisa desse tipo.

– Mandado... – murmurou Graham. – Acho que vou só pedir uns papéis de sepultamento e deixo ele botar do jeito oficial que quiser. – Levantou os olhos para Kote. – É provável que outras pessoas queiram algo parecido, do jeito que andam as coisas.

Por um momento, o hospedeiro pareceu franzir o cenho, irritado. Mas não, não fez nada disso. Parado atrás do balcão do bar, tinha exatamente a mesma aparência de sempre, com a expressão serena e agradável. Fez um aceno tranquilo com a cabeça e disse:

– Ele mencionou que ia pegar no batente por volta de meio-dia. Estava um pouco tenso com tudo o que aconteceu ontem. Se alguém aparecer antes do meio-dia, suponha que vá se decepcionar.

Graham deu de ombros.

– Não deve fazer diferença. Só vai haver umas 10 pessoas em toda a cidade até

a hora do almoço, de qualquer jeito. – Tomou outra golada de cerveja e olhou pela janela: – Hoje é dia de trabalhar no campo, pode ter certeza.

O hospedeiro pareceu relaxar um pouco.

– Ele também estará aqui amanhã. Portanto, não há necessidade de todos correrem para cá hoje. Roubaram o cavalo dele lá pelos lados do Vau do Abade e ele está tentando arranjar um novo.

Graham chupou os dentes, com ar solidário.

– Pobre infeliz. Não vai achar cavalo nenhum, nem por amor nem por dinheiro, no meio da colheita. Nem o Carter conseguiu substituir a Nelly, depois que aquele troço parecido com uma aranha o atacou na Velha Ponte de Pedra. – Balançou a cabeça e continuou: – Não parece direito acontecer uma coisa dessas a menos de 3 quilômetros da porta do sujeito. Antigamente...

De repente Graham parou.

– Santo senhor e senhora, estou parecendo o meu velho! – disse. Inclinou o queixo para dentro e pôs um pouco mais de aspereza na voz: – *Antigamente, quando eu era garoto, nós tínhamos um clima decente. O moleiro não punha o polegar na balança e as pessoas sabiam cuidar da própria vida.*

O hospedeiro sorriu tristemente e disse:

– O meu pai dizia que a cerveja era melhor e que as estradas tinham menos sulcos.

Graham deu um sorriso, que logo se desfez. Baixou a cabeça, como se estivesse constrangido com o que ia dizer.

– Sei que você não é daqui, Kote. Isso é difícil. Há quem ache que um estrangeiro não consegue nem saber que horas são. – Respirou fundo e, ainda sem fitar o hospedeiro nos olhos, acrescentou:

– Mas acho que você sabe coisas que os outros não sabem. Você tem uma espécie de visão *mais ampla*. – Levantou a cabeça, os olhos sérios e cansados, contornados por olheiras escuras pela falta de sono. – As coisas andam tão sombrias quanto parecem nos últimos tempos? Estradas muito ruins. Gente sendo roubada e... – Com um esforço óbvio, Graham se impediu de olhar de novo para o lugar vazio no piso. – Todos esses novos impostos deixando as coisas muito apertadas. Os meninos da família Grayden prestes a perder a fazenda. Aquele troço feito uma aranha... – Tomou outro gole de cerveja. – As coisas vão tão mal quanto parecem? Ou será que só fiquei velho, feito o meu pai, e agora tudo tem um gostinho mais amargo se comparado a quando eu era garoto?

Kote esfregou o balcão por um longo momento, como se relutasse em falar.

– Acho que as coisas costumam correr mal, de um modo ou de outro – disse. – Talvez seja apenas uma questão de que nós, os mais velhos, sabemos perceber isso.

Graham começou a assentir com a cabeça, depois franziu a testa.

– Só que você não é velho, não é? Quase sempre me esqueço disso. – Olhou de cima a baixo para o homem da cabeleira vermelha. – Digo, você anda feito velho e

fala feito velho, mas não é velho, é? Aposto que tem metade da minha idade. – Ele estreitou os olhos para o hospedeiro. – Quantos anos você tem, afinal?

Kote deu um sorriso cansado.

– O bastante para me sentir velho.

Graham soltou um grunhido e falou:

– Muito moço pra fazer ruídos de velho. Você devia estar correndo atrás das mulheres e se metendo em encrencas. Deixe que nós, os velhotes, reclamemos de como o mundo está ficando com as juntas todas frouxas.

O velho carpinteiro levantou-se do bar e se virou para ir em direção à porta.

– Voltarei para falar com o seu escriba quando a gente parar pro almoço. E também não serei o único. Tem uma porção de gente que vai querer botar as coisas no papel oficial quando tiver chance.

O hospedeiro respirou fundo e soltou o ar devagar.

– Graham – começou.

O outro se virou, com uma das mãos na porta.

– Não é só você – disse Kote. – As coisas andam mal, e meu instinto me diz que vão ficar ainda piores. Não faria mal um homem se preparar para um inverno difícil. E, quem sabe, dar um jeito de poder se defender, se for preciso – acrescentou, dando de ombros. – Pelo menos, é o que o meu instinto me diz.

A boca de Graham firmou-se numa linha severa. Ele balançou a cabeça uma vez, num aceno grave.

– É bom saber que não é só o meu instinto, eu acho.

Depois, forçou um sorriso e começou a enrolar as mangas da camisa, virando-se para a porta:

– Ainda assim – disse –, é preciso malhar o ferro enquanto ainda está quente.



Não muito depois, os Benton deram uma passada com uma carroça cheia de maçãs tardias. O hospedeiro comprou metade do que tinham e passou a hora seguinte separando e armazenando as frutas.

As mais verdes e mais firmes foram para os barris do porão, onde as mãos gentis de Kote as puseram cuidadosamente no lugar e as cobriram de serragem, antes de martelar as tampas. As mais próximas de amadurecer foram para a despensa e todas as que tinham um machucado ou um ponto marrom foram condenadas a virar maçãs de sidra, cortadas em quatro e jogadas numa grande bacia.

Enquanto selecionava e embalava, o homem ruivo parecia contente. Porém, se você olhasse mais de perto, talvez notasse que, embora as mãos dele estivessem ocupadas, seu olhar estava distante. E, apesar de ele ter uma expressão calma, até afável, nela não havia alegria. Ele não cantarolou nem assobiou enquanto trabalhava.

Selecionada a última das maçãs, ele carregou a bacia de metal pela cozinha e saiu pela porta dos fundos. Era uma fria manhã de outono e atrás da pousada havia um pequeno jardim particular, protegido pelas árvores. Kote derrubou a carga de maçãs cortadas na prensa de madeira da sidra e girou a parte superior para baixo, até que ela não se mexesse mais com facilidade.

Enrolou as mangas compridas da camisa até acima do cotovelo, depois segurou os cabos da prensa com as mãos longas e graciosas e puxou. A prensa girou para baixo, primeiro comprimindo bem as maçãs, depois esmagando-as. Torcer e tornar a segurar. Torcer e tornar a segurar.

Se houvesse alguém ali para ver, teria notado que ele não tinha os braços flácidos de um hospedeiro. Quando ele puxava os cabos de madeira, os músculos saltavam, rijos como cordas torcidas. Antigas cicatrizes cruzavam e recruzavam sua pele. A maioria era pálida e fina, como rachaduras no gelo do inverno. Outras eram rubras e ásperas, destacando-se em sua pele alva.

As mãos do hospedeiro agarraram e puxaram, agarraram e puxaram. Os únicos sons audíveis eram o ranger rítmico da madeira e o gotejar lento da sidra, escorrendo para o balde embaixo. Havia um ritmo nisso, mas não música, e os olhos do hospedeiro ficaram distantes e sem alegria, de um verde tão pálido que quase poderiam passar por cinzentos.

CAPÍTULO 2

Azevinho

O CRONISTA CHEGOU À BASE da escada e pisou no salão da Marco do Percurso. Trazia sua sacola achatada de couro pendurada num ombro. Parando na porta, deu uma olhada no hospedeiro ruivo, atentamente debruçado sobre alguma coisa no bar.

Pigarreando, o Cronista entrou no salão.

– Lamento ter dormido até tão tarde. Realmente não é... – Parou ao ver o que havia no bar. – Você está fazendo uma torta?

Kote levantou a cabeça, ainda amassando as bordas da cobertura com os dedos.

– Tortas – respondeu, frisando o plural. – Sim. Por quê?

O Cronista abriu a boca e tornou a fechá-la. Seus olhos correram para a espada que pendia atrás do bar, cinzenta e silenciosa, depois voltaram para o homem ruivo que prendia cuidadosamente a tampa em toda a borda de uma assadeira.

– Que tipo de torta?

– De maçã. – Kote endireitou o corpo e cortou três fendas meticulosas na crosta da massa. – Você sabe como é difícil fazer uma boa torta?

– Na verdade, não – admitiu o Cronista, que em seguida olhou em volta, nervoso.
– Onde está o seu ajudante?
– Só Deus é capaz de saber essas coisas – disse o hospedeiro. – É muito difícil. Fazer torta, eu digo. Não parece, mas há muitas complicações nesse processo. Pão é fácil. Sopa é fácil. Pudim é fácil. Mas torta é complicado. É uma coisa que o sujeito nunca percebe, até tentar por si mesmo.

O Cronista meneou a cabeça, numa vaga concordância, parecendo inseguro quanto ao que se esperaria dele. Tirou a sacola do ombro e se sentou a uma mesa próxima.

Kote limpou as mãos no avental e perguntou:

– Sabe aquela polpa que sobra quando se prensa a maçã para fazer sidra?

– O bagaço?

– *Bagaço* – repetiu Kote, com profundo alívio. – É *assim* que se chama. O que as pessoas fazem com ele, depois de extrair o suco?

– O bagaço de uva serve para fazer um vinho fraco – disse o Cronista. – Ou óleo, se você tiver muito. Mas o bagaço da maçã é praticamente inútil. Pode ser usado como fertilizante ou como adubo de canteiro, mas não é muito bom em nenhuma das duas funções. O pessoal costuma dá-lo como ração ao gado, principalmente.

Kote meneou a cabeça, com ar pensativo.

– Não me pareceu que simplesmente o jogassem fora. Eles arranjam serventia para tudo por aqui, de um modo ou de outro. Bagaço – repetiu, como se saboreasse a palavra. – Já faz dois anos que isso me incomoda.

– Qualquer um na cidade podia ter-lhe dito isso – falou o Cronista, parecendo intrigado.

O hospedeiro franziu o cenho.

– Se é algo que todo mundo sabe, não posso me dar ao luxo de perguntar.

Ouviu-se a batida de uma porta se fechando seguida por um assobio animado e errante. Bast emergiu da cozinha, carregando uma braçada espinhosa de ramos de azevinho embrulhados num lençol branco.

Kote fez um aceno severo com a cabeça e esfregou as mãos.

– Esplêndido. Agora, como é que vamos... – Ele estreitou olhos. – Esses são os meus lençóis bons?

Bast olhou para o feixe.

– Bem, Reshi – disse, devagar –, depende. Você tem lençóis ruins?

Os olhos do hospedeiro faiscaram de raiva por um segundo, e então ele deu um suspiro.

– Não tem importância, acho. – Estendeu a mão e puxou um ramo comprido do feixe. – O que vamos fazer com isso, afinal?

Bast deu de ombros.

– Eu mesmo estou no escuro quanto a isso, Reshi. Sei que os sithes costumavam cavalgar usando coroas de azevinho quando caçavam troca-peles...

– Não podemos andar por aí com coroas de azevinho – disse Kote com desdém.
– O povoalaria.

– Não me importo com o que pensam os obreiros locais – murmurou Bast, começando a entrelaçar vários ramos compridos e flexíveis. – Quando um troca-pele entra no seu corpo, você vira um fantoche. Ele é capaz de fazê-lo morder a própria língua.

Levou à cabeça um círculo semiformado, para ver se servia. Franziu o nariz.

– Espeta.

– Nas histórias que ouvi – disse Kote –, o azevinho também os aprisiona num corpo.

– Não podemos simplesmente usar ferro? – perguntou o Cronista. Os dois homens atrás do bar o olharam com curiosidade, como se quase houvessem esquecido a presença dele. – Digo, se ele é uma criatura das fadinhas...

– Não diga “fadinhas” – cortou Bast, em tom depreciativo. – Faz você parecer uma criança. É uma criatura das terras encantadas. Um Encantado, se você quiser.

O Cronista hesitou por um instante antes de prosseguir:

– Se essa coisa se infiltrasse no corpo de alguém vestido de ferro, isso não a machucaria? Ela não iria simplesmente pular fora de novo?

– Eles são capazes de fazer você arrancar. A sua língua. A dentadas – repetiu Bast, como se falasse com uma criança particularmente burra. – Uma vez dentro de você, usam a sua mão para arrancar seu olho, com a mesma facilidade com que você colheria uma margarida. O que o faz pensar que não poderiam gastar o tempo de tirar uma pulseira ou um anel? – Balançou a cabeça, baixando os olhos, e foi entremeando outro ramo verde vivo de azevinho no círculo que segurava. – Além disso, raios me partam se vou vestir ferro.

– Se eles podem saltar dos corpos, por que ele não saiu do corpo daquele homem, simplesmente, ontem de noite? – perguntou o Cronista. – Por que não pulou para dentro de um de nós?

Houve um longo momento de silêncio até Bast perceber que os outros dois homens o fitavam.

– Você está perguntando a mim? – indagou e riu de incredulidade. – Não faço a menor ideia. *Anpauen*. Os últimos troca-peles foram caçados há centenas de anos. Muito antes da minha época. Eu só ouvi histórias.

– Então, como sabemos que ele *não pulou* para fora? – questionou o Cronista, devagar, como se relutasse até em fazer a pergunta. – Como sabemos que não continua aqui? – Ficou sentado na cadeira, muito rígido. – Como vamos saber se não está dentro de um de nós, neste exato momento?

– Ele pareceu ter morrido quando o corpo do mercenário morreu – disse Kote. – Nós o teríamos visto sair – acrescentou, dando uma olhadela para Bast. – Parece que eles se assemelham a uma sombra ou a uma fumaça escura quando deixam o corpo, não é?

Bast fez que sim e acrescentou:

– Além disso, se ele tivesse pulado para fora, teria simplesmente começado a matar as pessoas com o novo corpo. É o que eles costumam fazer. Vão trocando, trocando, até todo mundo estar morto.

O hospedeiro ofereceu ao Cronista um sorriso tranquilizador.

– Viu? Talvez aquilo nem tenha sido um troca-pele. Talvez fosse só uma coisa parecida.

O Cronista exibiu um olhar que parecia meio desvairado.

– Mas, como podemos ter certeza? Ele pode estar dentro de qualquer pessoa da cidade neste momento...

– Poderia estar dentro de mim – disse Bast, com displicência. – Talvez eu só esteja esperando você baixar a guarda para lhe dar uma dentada no peito, bem sobre o coração, e beber todo o seu sangue. Como se chupasse o sumo de uma ameixa.

A boca do Cronista formou uma linha fina:

– Isso não tem graça.

Bast levantou a cabeça e deu um riso safado e cheio de dentes para o Cronista. Mas alguma coisa não correspondia a essa expressão. Ela durou um tantinho mais que o normal. O riso foi um pouco largo demais. Os olhos estavam focados em um dos lados do escriba, e não diretamente nele.

Bast ficou imóvel um instante, já sem tecer as folhas verdes entre os dedos ágeis. Fitou as próprias mãos com ar curioso e deixou o círculo semiacabado de azevinho cair no balcão. Aos poucos, seu sorriso desfez-se numa expressão vazia e ele correu os olhos pelo salão, com ar obtuso.

– *Te veyan?* – disse com uma voz estranha, o olhar vidrado e confuso. – *Te-tanten ventelanel?*

Então, movendo-se numa velocidade espantosa, disparou de trás do balcão em direção ao Cronista. O escriba saltou do assento, disparando para longe feito um louco. Derrubou duas mesas e meia dúzia de cadeiras, até prender os pés e despencar no chão, todo atrapalhado, numa agitação de braços e pernas, gadanhando freneticamente a caminho da porta.

Enquanto se debatia em desvario, arriscou uma olhadela rápida para trás, com o rosto aterrorizado e pálido, e então viu que Bast não dera mais de três passos. O rapaz de cabelos negros estava parado junto ao bar, quase dobrado ao meio, sacudindo-se numa gargalhada incontrolável. Uma das mãos cobria parcialmente seu rosto, enquanto a outra apontava para o Cronista. Bast ria tanto que mal conseguia respirar. Depois de um momento, teve de estender a mão para se apoiar no balcão.

O Cronista ficou indignado.

– Seu imbecil! – gritou, pondo-se de pé com esforço. – Seu... seu imbecil!

Ainda rindo demais para respirar, Bast levantou as mãos e fez gestos débeis e frouxos de arranhar, como uma criança imitando um urso.

– Bast – repreendeu o hospedeiro. – Ora, vamos. Francamente!

Mas, embora a voz de Kote fosse severa, seus olhos brilhavam, divertidos. Os lábios estremeeceram, fazendo força para não se abrir.

Movendo-se com afrontada dignidade, o Cronista ocupou-se com a arrumação de mesas e cadeiras nos lugares, batendo-as no chão com muito mais força do que era necessário. Quando enfim retornou a sua mesa original, sentou-se com o corpo rígido. A essa altura, Bast já tinha voltado para trás do balcão do bar, respirando ofegante e se concentrando propositalmente no azevinho que tinha nas mãos.

O Cronista o fuzilou com os olhos e esfregou a canela. Bast abafou algo que se poderia tomar por uma tosse.

Kote deu um risinho baixo e gutural e puxou outro ramo de azevinho do feixe, somando-o à longa corda que estava fazendo. Levantou a cabeça para atrair a atenção do Cronista.

– Antes que eu me esqueça, algumas pessoas vão dar uma passada aqui hoje para aproveitar os seus serviços de escriba.

– É mesmo? – Ele pareceu surpreso.

Kote fez que sim e soltou um suspiro irritado.

– É. A notícia já vazou, portanto não há nada que se possa fazer. Teremos de lidar com eles quando chegarem. Por sorte, qualquer um que tenha duas mãos estará ocupado nos campos até o meio-dia e assim não teremos que nos preocupar com isso até...

Os dedos do hospedeiro se atrapalharam, quebrando o ramo de azevinho e cravando fundo um espinho na parte carnuda do polegar. O homem ruivo não se encolheu nem xingou, apenas fechou a cara com raiva para a mão, enquanto uma gota de sangue crescia, brilhante como uma amora.

Com o sobrolho carregado, o hospedeiro levou o polegar à boca. Todo o riso esvaiu-se de sua expressão e seus olhos endureceram, sombrios. Ele jogou de lado a corda de azevinho inacabada, com um gesto de tão clara indiferença que quase chegou a dar medo.

Olhou outra vez para o Cronista e, com a voz perfeitamente calma, falou:

– O que quero dizer é que devemos aproveitar nosso tempo antes de sermos interrompidos. Mas, primeiro, imagino que você queira tomar o desjejum.

– Se não der muito trabalho – observou o Cronista.

– Trabalho nenhum – respondeu Kote, dando-lhe as costas e se dirigindo à cozinha.

Bast observou-o sair com uma expressão apreensiva no rosto:

– É bom você tirar a sidra do fogo e pô-la para esfriar lá nos fundos – gritou bem alto para seu mestre. – O último lote ficou mais para geleia do que para sumo. E também achei umas ervas quando saí. Estão em cima do barril com a água da chuva. Você precisa dar uma olhada, para ver se vão ter serventia para o jantar.

Sozinhos no salão, Bast e o Cronista se olharam por sobre o balcão do bar durante um longo momento. O único som audível foi a batida distante da porta dos fundos se fechando.

Bast fez um último ajuste na coroa em suas mãos, examinando-a por todos os ângulos. Levou-a ao rosto, como que para cheirá-la. Em vez disso, porém, encheu os pulmões de ar, fechou os olhos e soprou as folhas de azevinho com tanta delicadeza que elas mal se mexeram.

Abrindo os olhos, deu um sorriso sedutor de desculpas e se encaminhou para o Cronista.

– Tome – disse, estendendo o círculo de azevinho para o homem sentado.

O Cronista não fez nenhum movimento para pegá-lo.

O sorriso de Bast não se desfez.

– Você não notou, porque estava ocupado em levar um tombo – disse, com a voz baixa e serena. – Mas, na verdade, ele riu quando você disparou. Três boas risadas, vindas do fundo da barriga. Ele tem uma risada maravilhosa. Parece fruta. Parece música. Fazia meses que eu não a ouvia.

Bast tornou a estender o círculo de azevinho, com um sorriso tímido.

– Portanto, isto é para você. Apliquei na coroa toda o encantamento de que disponho. Assim, ela continuará verde e viva por mais tempo do que você imaginaria. Colhi o azevinho da maneira apropriada e o moldei com minhas próprias mãos. Coletado, trabalhado e persuadido para uma finalidade. – Segurou a coroa um pouco mais longe do corpo, como um menino nervoso com um buquê. – Tome. É um presente gratuitamente dado. Eu o ofereço sem qualquer obrigação, empecilho ou vínculo.

Hesitante, o Cronista estendeu a mão e pegou a coroa. Examinou-a, girando-a nas mãos. Bagas vermelhas aninhavam-se entre as folhas verde-escuras como pedras preciosas e os galhos tinham sido trançados com tanta argúcia que os espinhos voltavam-se para fora. O escriba a pôs na cabeça com cautela e ela se ajustou perfeitamente a sua frente.

Bast sorriu.

– Viva o Senhor do Desgoverno! – exclamou, levantando as mãos. E deu uma risada encantada.

Um sorriso repuxou os lábios do Cronista, que tirou a coroa.

– Então – disse o escriba, baixinho, descendo as mãos para o colo –, isso significa que as coisas estão acertadas entre nós?

Bast inclinou a cabeça, intrigado.

– Como disse?

O Cronista pareceu embaraçado:

– Aquilo de que você falou... ontem à noite...

Bast pareceu surpreso.

– Oh, não – disse com seriedade, balançando a cabeça. – Não. De modo algum. Você me pertence até a medula dos ossos. Você é um instrumento do meu desejo. – Lançou uma rápida olhadela para a cozinha, assumindo uma expressão carregada.

– E você sabe o que eu desejo. Faça-o lembrar-se de que é mais que um hospedeiro fazedor de tortas. – Ele praticamente cuspiu a última palavra.

O Cronista se remexeu na cadeira, constringido, desviando os olhos.

– Continuo sem saber como posso ajudar.

– Você fará tudo o que puder – disse Bast em voz baixa. – Você o arrancará dele mesmo. Você o acordará. – Proferiu estas últimas palavras com ferocidade.

Pôs uma das mãos num ombro do Cronista, estreitando ligeiramente os olhos azuis.

– Você vai fazê-lo recordar. Você *vai*.

O Cronista hesitou por um instante, depois baixou os olhos para o círculo de azevinho em seu colo e meneou de leve a cabeça.

– Farei tudo que puder.

– É só isso que qualquer um de nós pode fazer – disse Bast, dando-lhe um tapinha amistoso nas costas. – A propósito, como vai o ombro?

O escriba o girou, num movimento que pareceu deslocado, já que o resto de seu corpo permaneceu rígido e imóvel:

– Dormente. Frio. Mas não dói.

– É de esperar. Se eu fosse você, não me preocuparia com isso. – Bast deu-lhe um sorriso animador. – A vida é curta demais para vocês se inquietarem com coisas insignificantes.



O desjejum veio e passou. Batatas, torradas, tomates e ovos. O Cronista devorou uma porção respeitável e Bast comeu o bastante para três pessoas. Kote andou para lá e para cá, trazendo mais lenha, atizando o fogão a fim de prepará-lo para as tortas e engarrafando a sidra que esfriava.

Estava carregando um par de jarros para o bar quando ouviu um som de botas na escada de madeira no exterior da pousada, alto como uma batida. No instante seguinte, o aprendiz de ferreiro irrompeu porta adentro. Com seus 16 anos recém-completados, era um dos homens mais altos da cidade, de ombros largos e braços truncudos.

– Olá, Aaron – disse o hospedeiro, calmamente. – Feche a porta, sim? Está cheio de poeira lá fora.

Enquanto o aprendiz de ferreiro se virava de novo para a porta, o hospedeiro e Bast guardaram a maior parte do azevinho embaixo do balcão, movendo-se numa concordância ágil e silenciosa. Quando o aprendiz tornou a se voltar para eles, Bast estava brincando com algo que se poderia facilmente tomar por uma pequena guirlanda inacabada. Uma coisa feita para proteger do tédio os dedos ociosos.

Aaron não pareceu notar nada diferente ao correr para o bar.

– Senhor Kote – disse, agitado –, será que posso levar uma comida para viagem? –

indagou, agitando um saco de aniagem vazio. – O Carter falou que o senhor saberia o que isso significa.

O hospedeiro assentiu com a cabeça.

– Tenho pão e queijo, linguiça e maçãs – disse. Fez um gesto para Bast, que pegou o saco e partiu célere para a cozinha. – O Carter vai a algum lugar hoje?

– Ele e eu – respondeu o rapaz. – Hoje os Orrison vão vender carne de carneiro em Treya. Contrataram o Carter e eu pra ir junto, por causa das estradas muito ruins e tudo o mais.

– Treya – ponderou o hospedeiro. – Então, vocês só vão voltar amanhã.

O aprendiz de ferreiro pôs cuidadosamente uma lasca fina de prata no mogno polido do balcão do bar.

– O Carter também tem esperança de achar uma substituta para a Nelly. Mas, se não conseguir encontrar um cavalo, disse que é provável ele aceitar o soldo do rei.

As sobrancelhas de Kote se ergueram.

– O Carter vai se alistar?

O garoto deu um sorriso que era uma estranha mescla de riso e tristeza.

– Ele diz que não tem muito mais a fazer se não conseguir arranjar um cavalo pra carroça. Diz que eles cuidam da gente no exército, que o sujeito recebe comida e viaja por aí e tudo o mais.

Os olhos do jovem se agitaram enquanto ele falava, numa expressão que ficava entre um entusiasmo de menino e uma preocupação séria de homem.

– E eles não estão mais dando só um nóbile de prata pra gente se alistar. Hoje em dia, entregam ao sujeito um real quando ele se alista. Um real inteiro, *de ouro*.

A expressão do hospedeiro tornou-se sombria.

– O Carter é o único que está pensando em receber o soldo, certo? – perguntou, fitando o rapaz nos olhos.

– Um real é muito dinheiro – admitiu o aprendiz de ferreiro, com um risinho matreiro. – E a situação anda apertada, desde que meu velho faleceu e mamãe se mudou de Rannish.

– E o que a sua mãe acha de você receber o soldo do rei?

O garoto assumiu um ar desapontado.

– Não me venha agora tomar o partido dela – reclamou. – Achei que o senhor ia entender. O senhor é homem, sabe que um sujeito tem que fazer o que é certo pela mãe.

– Sei que a sua mãe preferiria tê-lo seguro em casa a vê-lo nadar numa tina de ouro, menino.

– Estou cansado de me chamarem de “menino” – rebateu o aprendiz de ferreiro, com o rosto ruborizado. – Posso fazer coisas boas no exército. Quando a gente fizer os rebeldes jurarem lealdade ao Rei Penitente, as coisas vão começar a melhorar de novo. A cobrança de impostos vai parar. Os Bentley não vão perder a terra deles. As estradas voltarão a ser seguras.

Depois, ele assumiu uma expressão sombria e, por um segundo, seu rosto não pareceu nada jovem.

– E aí, a minha mãe não vai ter que ficar lá sentada, toda angustiada, quando eu não estiver em casa – disse, em tom lúgubre. – Vai parar de se levantar três vezes por noite, pra verificar as venezianas das janelas e a tranca da porta.

Aaron enfrentou o olhar do hospedeiro e empertigou o tronco. Quando corrigia a postura arriada, ficava quase uma cabeça mais alto que Kote.

– Às vezes, o homem tem que defender seu rei e seu país – completou.

– E a Rose? – indagou o hospedeiro, baixinho.

O aprendiz enrubesceu e baixou a cabeça, sem graça. Seus ombros tornaram a arriar e ele desinflou, como a vela de um barco em dia sem vento.

– Meu Deus, será que todo mundo sabe da gente?

O hospedeiro fez que sim, com um sorriso gentil.

– Não há segredos numa cidadezinha como esta.

– Bem – disse Aaron, com ar resoluto –, estou fazendo isto por ela também. Por nós. Com o meu soldo e o dinheiro de salário que guardei, posso comprar uma casa pra nós, ou montar meu próprio negócio, sem ter que procurar nenhum agiota de meia pataca.

Kote abriu a boca e tornou a fechá-la. Pareceu pensativo, pelo tempo de uma respiração funda e demorada, depois falou, como se escolhesse as palavras com muito cuidado:

– Aaron, você sabe quem é Kvothe?

O aprendiz de ferreiro revirou os olhos.

– Não sou nenhum idiota – retrucou. – Ainda ontem a gente estava contando histórias dele, não se lembra? – Olhou para a cozinha, por cima do ombro do hospedeiro. – Olhe, eu preciso ir andando. O Carter vai ficar louco de raiva se eu não...

Kote fez um gesto para acalmá-lo.

– Eu faço um trato com você, Aaron. Escute o que tenho a dizer e lhe darei a comida de graça – disse, empurrando a lasca de prata pelo balcão do bar. – Depois você pode usar isso para comprar alguma coisa bonita para a Rose em Treya.

Aaron meneou a cabeça, cauteloso.

– Tudo bem.

– O que você sabe do Kvothe, pelas histórias que ouviu? Como deve ser ele?

Aaron riu.

– Além de estar morto?

Kote deu um sorriso discreto.

– Além de estar morto.

– Ele sabia todo tipo de mágica secreta – disse Aaron. – Sabia seis palavras pra murmurar no ouvido de um cavalo e o fazer correr 160 quilômetros. Sabia transformar ferro em ouro e prender o raio num jarro de um quarto de galão, pra guardá-lo

pra depois. Sabia uma canção capaz de abrir qualquer fechadura e conseguia quebrar uma porta grossa de carvalho com apenas uma das mãos...

Foi parando de falar, depois acrescentou:

– Na verdade, tudo depende da história. Às vezes ele é o mocinho, como o Príncipe Galante. Certa vez ele salvou umas moças de uma trupe de ogros...

– Eu sei – concordou o hospedeiro com outro sorriso vago.

– ...mas, em outras histórias, ele é um canalha danado – continuou Aaron. – Roubou mágicas secretas da Universidade. Foi por isso que o expulsaram, o senhor sabe. E também não o chamaram de Kvothe, o Matador do Rei, por ele tocar bem o alaúde.

O sorriso havia sumido, mas o hospedeiro balançou a cabeça.

– É verdade. Mas, *como era* ele?

A testa de Aaron franziu-se um pouco.

– Ele tinha o cabelo ruivo, se é isso que o senhor quer dizer. Todas as histórias dizem isso. Era um perfeito demônio com a espada. Inteligente que só ele. E também tinha uma lábia irresistível, conseguia se safar de qualquer coisa na base da conversa.

O hospedeiro fez que sim.

– Certo. Então, se você fosse o Kvothe, inteligente que só ele, como você diz, e de repente sua cabeça valesse mil reais e um ducado, para qualquer um que a cortasse, o que você faria?

O aprendiz de ferreiro balançou a cabeça e deu de ombros, claramente perdido.

– Bem, se *eu* fosse o Kvothe – disse o hospedeiro –, fingiria minha morte, mudaria de nome e acharia uma cidadezinha no meio de lugar nenhum. Então, abriria uma pousada e faria o melhor possível para desaparecer. – Olhou para o rapaz e completou: – Isso é o que eu faria.

Os olhos de Aaron correram do cabelo ruivo do hospedeiro para a espada pendurada acima do bar, depois voltaram para os olhos do hospedeiro.

Kote balançou a cabeça devagar, depois apontou para o Cronista.

– Aquele sujeito não é apenas um escriba comum. É uma espécie de historiador e está aqui para escrever a verdadeira história da minha vida. Você perdeu o início, mas, se quiser, pode ficar para o restante. – Deu um sorriso descontraído. – Posso lhe contar histórias que ninguém jamais ouviu. Histórias que ninguém jamais tornará a ouvir. Histórias sobre Feluriana, sobre como aprendi a lutar com os ademrianos. A verdade sobre a Princesa Ariel.

O hospedeiro estendeu a mão por cima do balcão e tocou o braço do rapaz.

– A verdade, Aaron, é que gosto de você. Acho que você tem uma inteligência incomum e detestaria vê-lo jogar sua vida fora – disse. Respirou fundo e encarou o aprendiz. Seu olhos eram de um verde espantoso. – Sei como essa guerra começou. Conheço a verdade sobre ela. Quando você a ouvir, não ficará nem de longe tão ansioso por sair correndo e morrer em combate no meio dela.

O hospedeiro gesticulou para uma das cadeiras vazias à mesa, ao lado do Cronista,

e deu um sorriso tão sedutor e descontraído que era próprio de um príncipe de livros de histórias.

– O que me diz?

Aaron fitou-o com ar sério por um momento demorado, os olhos correndo para a espada e tornando a descer.

– Se o senhor é mesmo...

A voz desapareceu, mas a expressão do rapaz a transformou numa pergunta.

– Sou mesmo – assegurou-lhe Kote, em tom gentil.

– ...então, posso ver a sua capa que não tem nenhuma cor particular? – perguntou o aprendiz, rindo.

O sorriso encantador do hospedeiro tornou-se rijo e quebradiço como uma lâmina de vidro estilhaçada.

– Você está confundindo o Kvothe com o Grande Taborlin – disse o Cronista, com ar displicente, do outro lado do salão. – Era o Taborlin que tinha a capa sem cor específica.

A expressão de Aaron intrigou-se e ele se voltou para o escriba:

– Então, o que é que o Kvothe tinha?

– Uma capa de sombra – respondeu o Cronista. – Se bem me lembro.

O garoto tornou a se virar para o bar.

– Pode me mostrar a sua capa de sombra, então? – pediu. – Ou uma mágica? Eu sempre quis ver uma. Só um pouquinho de fogo ou de raio seria o bastante. Eu não ia querer que o senhor se cansasse.

Antes que o hospedeiro pudesse responder, Aaron caiu numa súbita gargalhada.

– Só estou brincando com o senhor, Sr. Kote. – E tornou a rir, dessa vez um sorriso mais largo. – Santo senhor e senhora, juro que nunca ouvi um mentiroso igual ao senhor em toda a minha vida! Nem o meu tio Alvan era capaz de contar uma mentira dessas de cara séria.

O hospedeiro baixou os olhos e murmurou alguma coisa incompreensível.

Aaron estendeu a mão larga por cima do balcão e a pôs no ombro de Kote.

– Sei que o senhor está tentando ajudar, Sr. Kote – disse, em tom caloroso. – O senhor é um bom homem e vou pensar no que me disse. Não vou sair correndo pra me alistar, só quero dar uma olhada nas minhas alternativas. – O aprendiz de ferreiro balançou a cabeça, com ar pesaroso. – Eu juro, hoje todo mundo quis me passar a perna. Minha mãe me disse que estava doente, com tuberculose. A Rose me disse que estava grávida. – Correu a mão pelo cabelo, dando um risinho. – Mas a sua história foi a campeã, tenho que reconhecer.

– Bem, sabe como é... – Kote conseguiu dizer, com um sorriso amarelo. – Eu não poderia olhar a sua mãe nos olhos se não tentasse.

– O senhor podia ter tido uma chance se escolhesse alguma coisa mais fácil de engolir – disse Aaron. – Mas todo mundo sabe que a espada do Kvothe era de prata.

– Ele deu uma olhadela na espada pendurada na parede. – E também não se chamava Insensatez. Era Kaysera, a matadora de poetas.

O hospedeiro ficou meio desconcertado com isso.

– Matadora de poetas?

Aaron balançou a cabeça, obstinado.

– Sim, senhor. E o seu escriba ali tem razão. A capa dele era toda de teias de aranha e sombras, e ele usava anéis em todos os dedos. Como é mesmo?

Na primeira mão, anéis de pedra,

Ferro, âmbar, madeira e osso.

Havia...

O aprendiz de ferreiro franziu o cenho.

– Não consigo me lembrar do resto. Tinha uma coisa sobre fogo...

A expressão do hospedeiro era indecifrável. Ele baixou os olhos para onde tinha as próprias mãos espalmadas sobre o balcão do bar e, passado um momento, recitou:

Anéis invisíveis tinha na outra mão:

Um de sangue em ondulante pendão,

Um de ar, murmurante de tão leve,

E no de gelo, das falhas a mais breve.

Fulgia vagamente o anel de chama

E o derradeiro anel era sem nome.

– Isso mesmo – disse Aaron, sorrindo. – O senhor não tem nenhum deles aí atrás do balcão, tem? – perguntou, e se pôs na ponta dos pés, como se tentasse ver melhor.

Kote deu um sorriso nervoso e envergonhado.

– Não. Não, não posso dizer que tenha.

Os dois se assustaram quando Bast bateu com o saco de aniagem no bar.

– Isso deve cuidar de você e do Carter por dois dias, com muita sobra – disse ele, em tom brusco.

Aaron pôs o saco no ombro e começou a sair, depois hesitou e olhou para os dois homens atrás do balcão do bar.

– Detesto pedir favores. O velho Cob disse que daria uma olhada na minha mãe por mim, mas...

Bast contornou o balcão e começou a conduzir Aaron para a porta.

– Ela ficará bem, eu espero. Também posso passar para dar uma olhada na Rose, se você quiser – disse, dando um sorriso largo e lascivo para o aprendiz de ferreiro. – Só para ter certeza de que ela não ficará solitária nem nada.

– Eu agradeceria – disse Aaron, com claro alívio na voz. – Ela estava meio agitada quando eu saí. Um pouco de consolo podia ajudar.

Bast parou em meio à abertura da porta da hospedaria e lançou um olhar de profunda incredulidade ao jovem espadaúdo. Depois, balançou a cabeça e acabou de abrir a porta.

– Certo, pode ir andando. Divirta-se na cidade grande. Não beba da água.

Fechou a porta e encostou a testa na madeira, como se de repente se sentisse exausto.

– *Um pouco de consolo podia ajudar?* – repetiu, incrédulo. – Retiro tudo o que já disse sobre a inteligência desse garoto. – Virou-se de frente para o bar, apontando um dedo acusatório para a porta fechada. – É nisso que dá – disse em tom firme para o salão, sem se dirigir a ninguém especificamente – trabalhar com ferro todo dia.

O hospedeiro deu uma risadinha sem humor, encostando-se no bar.

– Foi-se a minha lendária lábia irresistível.

Bast deu um grunhido depreciativo:

– O garoto é um idiota, Reshi.

– Será que devo me sentir melhor por não ter conseguido convencer um idiota, Bast?

O Cronista pigarreou e disse baixinho:

– Isso mais parece um testemunho do seu desempenho aqui. Você representou tão bem o papel do hospedeiro que eles não conseguem vê-lo de nenhuma outra forma. – Abarcou com um gesto o salão vazio: – Francamente, fico surpreso por você se dispor a arriscar sua vida aqui só para manter o garoto fora do exército.

– Não chega a ser um grande risco – retrucou o hospedeiro. – Não é uma grande vida. – Pôs-se de pé, contornou o balcão do bar e se dirigiu à mesa em que estava o Cronista. – Sou responsável por todos aqueles que morrem nessa guerra estúpida. Tive apenas a esperança de salvar um deles. Ao que parece, até isso está fora do meu alcance.

Kote afundou na cadeira diante do Cronista e perguntou:

– Onde foi que paramos ontem? Não faz sentido eu me repetir, se for possível evitá-lo.

– Você tinha acabado de evocar o vento e dar ao Ambrose um pouco do que ele merecia – disse Bast, do lugar onde havia parado junto à porta. – E estava devaneando loucamente sobre a sua amada.

Kote levantou os olhos.

– Eu não *devaneio*, Bast.

O Cronista pegou a sacola achatada de couro e tirou uma folha de papel já com três quartos preenchidos numa escrita miúda e precisa.

– Posso ler o último trecho em voz alta, se você quiser.

Kote ergueu a mão.

– Eu me lembro suficientemente bem do seu código para ler sozinho – disse, com ar cansado. – Dê-me aqui. Pode ser que isso sirva de tranco inicial.

Lançou um olhar para Bast e chamou:

– Venha sentar-se, se pretende escutar. Não quero você rondando por aí.

Bast correu para uma cadeira, enquanto Kote respirava fundo e examinava a última página da história da véspera. Calou-se por um bom tempo. Sua boca fez algo que talvez fosse o início de um muxoxo, depois algo que lembrava a vaga sombra de um sorriso.

Meneou a cabeça com ar pensativo, os olhos ainda na página.

– Uma parte muito grande da minha juventude foi gasta tentando entrar na Universidade. Eu queria ir para lá antes mesmo de minha trupe ser morta. Antes de saber que o Chandriano era mais que uma história contada junto à fogueira. Antes de começar a procurar os Amyr.

Reclinou-se na cadeira e a expressão de cansaço começou a se desfazer, dando lugar a uma expressão pensativa.

– Eu achava que, uma vez lá dentro, as coisas seriam fáceis. Eu aprenderia magia e encontraria respostas para todas as minhas perguntas. Acreditava que seria tudo simples como em um livro de histórias.

Kvothe deu um sorriso meio sem jeito, e essa expressão fez seu rosto parecer surpreendentemente jovem.

– E poderia ter sido, se eu não tivesse o dom de fazer inimigos e arranjar encrencas. Tudo o que eu queria era tocar minha música, assistir às minhas aulas e encontrar minhas respostas. Tudo o que eu queria estava na Universidade. Tudo o que eu queria era ficar lá.

Meneou a cabeça para si mesmo.

– É por aí que devemos começar.

O hospedeiro devolveu a folha de papel ao Cronista, que a alisou com uma das mãos, distraído. Destampou o tinteiro e nele mergulhou a pena. Bast inclinou-se para a frente, ansioso, sorrindo como uma criança agitada.

Os olhos brilhantes de Kvothe percorreram rapidamente o aposento, absorvendo tudo. Ele respirou fundo, abriu um sorriso repentino e, por um breve momento, não se pareceu nem um pouco com um hospedeiro. Tinha os olhos aguçados e luminosos, verdes como um talo de capim.

– Está pronto?